

# Casas de marimbondo

O mercado demonstrou ontem que ainda continua bastante nervoso. Apesar de o pacote ter sido apoiado e considerado bastante duro pela grande maioria dos analistas, ainda assim a Bolsa de São Paulo caiu mais de 3%. É verdade que os juros e o câmbio caíram nos mercados futuros, o que não deixa de ser um bom sinal, mas está longe de significar uma reversão no nervosismo. As feridas não foram curadas com o pacote. "O mercado ainda continua muito machucado", diz um banqueiro.

O que ocorre, em primeiro lugar, é que a tormenta no Sudeste Asiático ainda estremece o mercado. O furacão ameaça cada vez mais a Coreia do Sul. A informação que circulou ontem é que as reservas coreanas já tinham chegado a um limite abaixo do confortável e não haveria outra saída senão a desvalorização. Com esses boatos, o índice Dow Jones – a bolsa americana funcionou normalmente, apesar do feriado ontem nos Estados Unidos – operou em baixa e influenciou o mercado no Brasil.

Diante desse quadro de indefinição, começa-se a cogitar a possibilidade de o governo ter que reforçar o pacote com medidas adicionais. Até porque o Congresso tem mostrado sérias resistências em aprovar o aumento do IR das pessoas físicas. O Congresso parece disposto a oferecer outras alternativas como a do IR pessoa jurídica e a taxa sobre as grandes fortunas. As negociações prometem se arrastar por um bom tempo.

De qualquer forma, começa a ser defendida na equipe econômica a tese de mexer em outras casas de marimbondo. Já que o governo tomou coragem em adotar um pacote tão duro como foi anunciado na segunda-feira, por que não reforçá-lo com outras medidas para fazer correções de rumos na economia? Um deles, por exemplo, seria a Zona Franca. Segundo cálculos do governo, o total de renúncia fiscal da Zona Franca atingirá incríveis R\$ 5 bilhões no ano que vem. Ou seja, cinco vezes a mordida do Leão prevista com o pacote.

Só no ano passado as empresas instaladas na Zona Franca deixaram de arrecadar com as isenções que têm direito nada menos que R\$ 4 bilhões. Para este ano, a previsão é de que essa renúncia fiscal fique entre R\$ 4 bilhões e R\$ 5 bilhões e, em 1998, atinja R\$ 5 bilhões, a quarta parte do duro pacote fiscal anunciado pelo governo. Não há nada mais contraproducente hoje do que os incentivos da Zona Franca. As empresas instaladas lá gozam de uma série de benefícios em todos os impostos. Entre eles, o da isenção de 88% no Imposto de Importação sobre qualquer produto. Numa hora que o governo quer diminuir as importações para defender o Real, é no mínimo incompreensível um incentivo desse tamanho para as compras no exterior.

Os efeitos contraproducentes da Zona Franca não param aí. Com os incentivos que existem à importação, as empresas produtoras de componentes sentem-se sem estímulo para investir no Brasil. Entende-se. Importar é muito mais barato do que comprar internamente, até porque os produtores de componentes no país não gozam de isonomia aos incentivos da Zona Franca. Daí explica-se o fato de grandes indústrias de fora terem vindo ao Brasil com a finalidade de montar fábricas de componentes aqui, mas desistiram da idéia em função da Zona Franca. "A Zona Franca precisa ser repensada", diz a economista Lídia Goldstein, do BNDES.

Há ainda outras casas de marimbondo, além da Zona Franca, que poderiam ser mexidas. O clima é mais do que oportuno.



## Iven

Apesar do pacote fiscal, ainda pulsam alguns negócios na economia. O Pactual deve anunciar nos próximos dias a venda de sua parte na Iven, uma holding com a participação de diversas instituições – entre elas o Opportunity – e que é sócia da Escelsa. O Pactual tem 56% do capital da Iven. São cinco os interessados: Vale do Rio Doce, Cerj, Light e as americanas Diamond e Calenergy.

Não se sabe de quanto poderá ser a operação, mas imagina-se alguma coisa de centenas de milhões de dólares.

## Shopping

O aumento dos juros não diminuiu os ânimos da direção do NorteShopping. O shopping – o maior da Zona Norte e o segundo do Rio de Janeiro – registrou, nos dez primeiros meses do ano, um crescimento nas vendas de 22,6% sobre o mesmo período do ano passado. Em outubro, o aumento foi de 10,7% em relação ao mês anterior. Para o Natal, a expectativa era de crescimento em torno de 5%. Com esses números, a previsão aumentou para 7%. Ver para crer.

## Investimento

Os *big bosses* da Guardian, empresa austríaca que irá investir US\$ 170 milhões numa fábrica de vidros em Porto Real, no Estado do Rio, desembarcaram no Brasil em

meio a toda essa turbulência. Hoje, estarão com o ministro Francisco Dornelles para discutir comércio exterior e, amanhã, almoçam na Firjan, com Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira e Márcio Fortes. Está agendado também um encontro com o governador Marcello Alencar. A inauguração da fábrica, prevista para junho, pode ser antecipada.

## Banco Mundial

O diretor do Banco Mundial no Brasil, Gobind Nankani, assina hoje, em Salvador, o Programa de Reforma Agrária Descentralizada, que destinará US\$ 150 milhões para Pernambuco, Ceará, Maranhão, Bahia e Minas Gerais. Com o acordo, assinado também pelo governador da Bahia, Paulo Souto, e o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, as comunidades receberão a ajuda do Fundo da Terra, gerenciado pelos governos estaduais. O Bird desembolsará quase US\$ 1,5 bilhão ao longo do próximo ano com os projetos.

## Debêntures

Com recursos do seu Fundo de Empresas Emergentes, a BNDESPar aprovou um investimento de R\$ 4 milhões em debêntures conversíveis da Getec Guanabara Química Industrial. O dinheiro será aplicado no aumento da capacidade instalada e em capital de giro.

## PELO MERCADO

■ Nestes tempos imprevisíveis no mercado financeiro, o americano Kose John, professor da Stern School of Business, da NY University, especialista na área de mercados futuros e derivativos, vai ao Ibmecc, quinta e sexta-feira, falar sobre o assunto.

■ O presidente da Coca-Cola, Luiz Lobão, vai falar hoje para os alunos do MBA de formação de gerentes e diretores da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. O tema da palestra

será o valor da marca em propaganda e o conceito de *brand architecture*, ou seja, de construção e renovação permanente da marca na cabeça do consumidor.

■ O pacote foi mesmo muito cruel, mas desastroso parece ter sido para o varejo. Os preços das ações das empresas desse setor simplesmente desabaram nas bolsas, ontem. A combinação de juros altos e recessão não é nada digerível para o varejo.